

**A TERMINOLOGIA DE PARENTESCO DOS ÍNDIOS GAVIÕES
DE OESTE (PARKATEYÊ) — TOCANTINS, PARÁ**

**Exedito Arnaud
Roberto Cortez
Ana Rita Alves**
Museu Goeldi

RESUMO — Estudo da terminologia de parentesco dos índios Gaviões de Oeste (Parkateyê). Inicialmente, mostra a localização atual e a recente divisão em 3 grupos-locais. Em seguida, após focalizar aspectos da organização social, apresenta a análise da terminologia de parentesco. Em conclusão, faz uma ligeira apreciação dos tipos de terminologia Crow e Omaha, incluindo a dos Gaviões. O trabalho contém 4 diagramas de parentesco, sendo 2 de parentesco consanguíneo e 2 de parentesco afim.

A denominação Gaviões é aplicada a dois grupos indígenas de origem Timbira atualmente distintos, cuja separação ocorreu pela metade do século passado (Nimuendaju, 1946:20). Os Gaviões de Leste (Pukopüe — Pukóbye, Pico-bgez, Paicogês) ainda permanecem no antigo território de feição campestre situado entre o alto Pindaré e o Grajaú (Maranhão), divididos em 3 grupos-locais, totalizando aproximadamente 180 indivíduos, segundo informações mais recentes. Os Gaviões de Oeste (Parkateyê), desde aquela época passaram a habitar na floresta de terra firme situada entre o médio Tocantins e as cabeceiras do Capim (Pará), acham-se sob a jurisdição de Postos da FUNAI, divididos em 3 grupos-locais totalizando 89 indivíduos e conhecidos como grupo do Cocal (ou Km 30), Igarapé dos Frades (Ladeira Vermelha) e Montanha (Arnaud, 1975 : 45). O grupo do Co-



GRÁFICA FALANGOLA EDITORA LTDA
Rua Santo Antonio, 429
Belém - Pará

cal, pacificado em 1956, desde 1966 localizado confornte ao Posto Mãe Maria (Município de S. João do Araguaia), tem uma população de 38 indivíduos (26 sexo masculino e 12 sexo feminino). Seus componentes conservam a língua original, embora os pais comumente se comuniquem com os filhos menores na língua portuguesa; ainda usam nomes pessoais indígenas, mas possuem nomes *civilizados* adquiridos através do batismo na igreja católica. O grupo do Igarapé dos Frades (Kuikateyê), pacificado em 1964, estabelecido, desde 1970, em sua atual aldeia situada nas proximidades do Posto Mãe Maria (Ladeira Vermelha), tem uma população de 41 indivíduos (24 sexo masculino e 17 sexo feminino) (ibid.: 76). Em 1972, os componentes do grupo conheciam somente algumas palavras da língua portuguesa, mas alguns deles já eram chamados pelos funcionários da FUNAI através de *nomes cristãos*. O grupo da Montanha (Município de Tucuruí), pacificado em 1961, encontra-se reduzido a apenas 2 famílias elementares com 10 indivíduos (6 sexo masculino e 4 sexo feminino), que vêm recusando obstinadamente a serem transferidos pela FUNAI para Mãe Maria, a partir de quando ela extinguiu o Posto que os assistia (1971-72). Com respeito ao uso da própria língua e da portuguesa, assim como da aplicação de nomes pessoais, estão procedendo de modo semelhante que os índios do Cocal.

Este trabalho, de caráter preliminar, foi elaborado com base em observações de campo efetuadas pelo primeiro autor no âmbito dos 3 grupos-locais referidos, em 1970 e 1972, complementadas através de entrevistas feitas por ele próprio e pelos co-autores com índios desses grupos em trânsito por Belém, em 1974 e 1975. As principais dificuldades havidas no decorrer das pesquisas, afora aquelas relacionadas à própria complexidade do sistema, foram ocasionadas menos pela carência de entendimento verbal do que pelos baixos índices e desequilíbrios populacionais, assim como pelas significativas alterações ocorridas no contexto sócio-cultural dos grupos que puderam ser mais investigados.

(Cocal e Montanha). De modo geral, assim como em outros artigos anteriores, procuramos no decorrer das entrevistas aplicar critério impessoal registrando, por exemplo, termos relacionados a pai, irmão do pai, mãe, irmã da mãe, etc., porém sem desprezar os casos reais.

Nos diagramas e listas de parentesco consanguíneo deixamos de registrar parentes afins como *padastra*, *madrastra*, esposo da *tia*, esposa do *tio*, tratados pelos Gaviões através dos mesmos termos aplicados a *pai*, *mãe*, *tio*, *tia*, uma vez que, tais omissões, julgamos não prejudicar os propósitos do trabalho.

* * *

Tradicionalmente, os Gaviões de Oeste eram organizados em grupos domésticos constituídos por famílias extensas orientadas pela linha feminina, dirigidas pelos chefes das famílias elementares mais antigas, ocorrendo os casamentos entre elementos da própria aldeia ou diferentes (uxorilocalidade — matrilocalidade). A família elementar, entretanto, funcionava como unidade básica de produção, possuindo cada qual seu roçado distinto (Laraia & Matta, 1967: 110), como também se verifica entre os Ramkokamékra (Canelas) (Nimuendaju, 1946: 83-84) e Kraho (Melatti, 1967: 68). As famílias extensas, porém, há vários anos deixaram de existir entre os grupos do Cocal e da Montanha; e, no âmbito do grupo da Ladeira Vermelha, já estão também sendo descaracterizadas face à ação paternalista exercida pela administração oficial. A monogamia hoje, assim como no passado, constitui a forma usual de casamento, mas ocorrem casos de homens manterem relações sexuais com irmãs solteiras das esposas; e, em contraposição, de homens solteiros e viúvos procederem de modo idêntico com as esposas dos irmãos. Os casamentos com *parentes consanguíneos* próximos, bilaterais, são basicamente proibidos, seja na linha da geração própria ou na linha oblíqua (entre *primos paralelos* ou *cruzados*, *tios* e *sobrinhas*, etc.). Segundo uma informação do líder do grupo do Cocal (Kokremun), os filhos

de dois indivíduos que se tratem como irmãos ou *primos* não podem casar-se, porém a seus *netos* isso é permitido; outro informante, já afirmou que tal coisa somente pode ocorrer entre elementos da terceira geração (*bisnetos*); e por fim, Kokremun, contradizendo sua primeira afirmação, acabou por não admitir nenhuma das duas circunstâncias. Ocorre que tais prescrições na prática não são estritamente obedecidas, sobretudo por motivo de desequilíbrio entre os sexos, sendo que, no grupo do igarapé dos Frades (Ladeira Vermelha), que há muitos anos isolou-se dos demais, existem 2 casos de consórcios entre irmãos classificatórios.

Verifica-se a evitação entre *genro* e *sogra* de um lado, *nora* e *sogro* de outro, comunicando-se esses afins de idêntico sexo (*genro* e *sogra*; *nora* e *sogro*) apenas nas ocasiões necessárias; porém, conforme também observou Nímuendaju (1946 : 125) entre os Ramkokamékra, tais restrições são cada vez menos rígidas na medida em que os anos passam, isto é, quando os casais da geração inferior começam a ter filhos. Presentemente, apenas no grupo do igarapé dos Frades tais situações ainda ocorrem, uma vez que no grupo do Cocal nenhum dos casais possui sogros, e no grupo da Montanha, o único casal com sogros (as), que é formado por um homem do grupo e uma mulher regional não observa aquela regra. A transmissão de nomes pessoais verifica-se do irmão da mãe (*tio*) para filho da irmã (*sobrinho*) = (*keti* — *itua*) e da irmã do pai (*tia*) para filha do irmão (*sobrinha*) = (*katui* — *itua*), preferencialmente, e também do pai do pai e da mãe, e mãe da mãe e do pai, aos quais são aplicados aqueles mesmos designativos (*keti*, *katui*) tal como entre os Krahó (Melatti, 1973 : 25) e Ramkokamékra (Nímuendaju, 1946 : 78) e Gorotire — Kayapó (Diniz, 1962 : 19). Tais nomes, entretanto, podem ser mudados em decorrência de desavenças no seio das famílias ou quando falece o doador, sendo este último um critério que também ocorre entre os Krahó (Melatti, 1973 : 25). Todavia, recentemente, no grupo do igarapé dos Frades, um dos homens, usando de sua

influência, fez com que um filho de sua filha lhe tomasse o próprio nome e não do tio, sob pretexto de que já estava velho e iria morrer breve (1). Ocorre ainda que, quando um homem tem o primeiro filho esse passa a ser determinado "pai de fulano ou de fulana" como no caso do atual líder do grupo do Cocal "que se denominava Topramre e recebeu o nome de Krohokrenhum, isto é, pai de Krohokre". A mulher igualmente utiliza o mesmo critério, isto é, passa a ser chamada "mãe de fulano ou fulana" (Araújo, 1974). Existem dois grupos cerimoniais (*Pano* — Arara; *Hok* — Gavião), atuantes na competição denominada *corrida de toras* e nos cerimoniais fúnebres (prestação de serviços por elementos da metade oposta), mas nenhuma indicação foi colhida a respeito de uma possível regulamentação dos matrimônios através dos mesmos, podendo seus componentes mudar de um para outro de acordo com a própria vontade, assim como também observou Matta (1967 : 136). Quanto à regra de descendência "o fato do tio materno ser classificado como *keti* junto com o pai do pai, pai da mãe e marido da irmã do pai, pode ser uma indicação de que a autoridade doméstica não é conspicuamente definida", impedindo assim a "formação de grupos unilineares de descendência" (ibid. 139). No entanto, talvez deva-se mostrar a ênfase ocorrente na transmissão de nomes entre o irmão da mãe e o filho da irmã (linha materna), juntamente com a reciprocidade na troca de bens e serviços entre elementos destas categorias.

A terminologia de parentesco, a qual, como referimos inicialmente, é o objeto principal desta comunicação, apresenta os seguintes aspectos:

Segunda geração ascendente — ambos os egos aplicam um termo para designar o pai do pai, pai da mãe e colaterais e outro para a mãe do pai, mãe da mãe e colaterais. *Primeira geração ascendente* — ambos os egos aplicam um termo para o pai e o irmão do pai, outro para a mãe e a irmã

(1) — Com respeito à nomenclatura e outros aspectos da organização social dos Gaviões de Oeste cf. também Matta (1967 : 135-140).

DIAGRAMA DE PARENTESCO CONSANGÜINEO
(EGO MASCULINO)

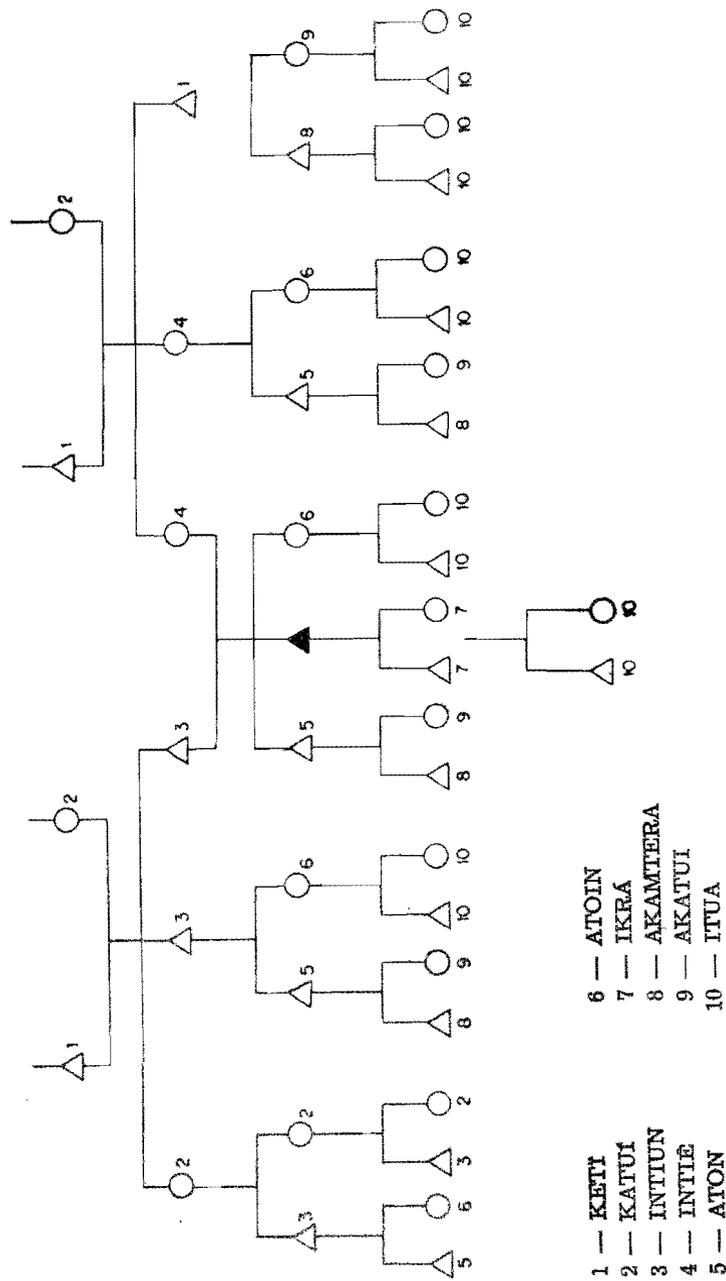
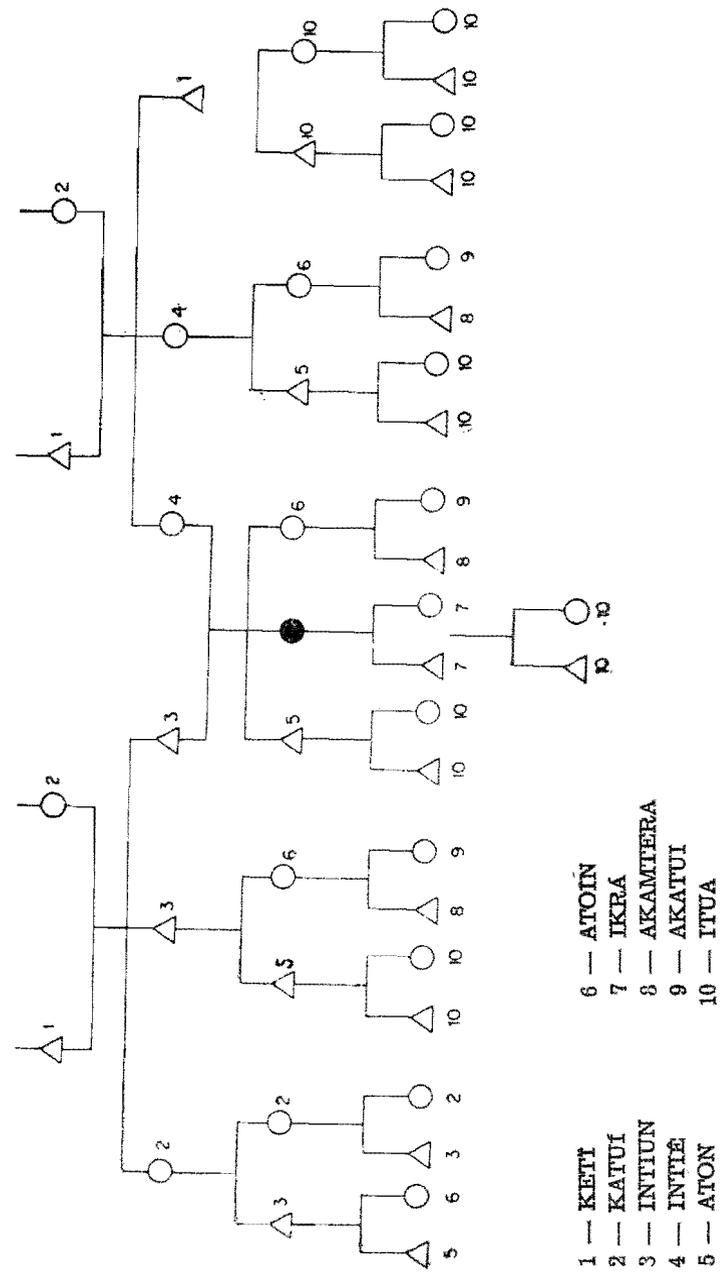


DIAGRAMA DE PARENTESCO CONSANGÜINEO
(EGO FEMININO)



da mãe, distinguindo porém o irmão m. velho do pai do m. novo e a irmã m. velha da mãe da m. nova; utilizam termos distintos para nomear irmão da mãe, e irmã do pai, distinguindo também os m. velhos (as) (que são chamados através dos termos relacionados a geração superior) dos m. novos (as). *Geração própria* — ambos os egos mencionam através dos mesmos termos os irmãos (as) e primos (as) paralelos (as) com distinção de sexo e de idade, sendo neste último aspecto aplicados sufixos diferentes para cada categoria (irmão (ã), primo (a) paralelo (a)); o filho da irmã do pai (primo cruzado patrilateral) tratam como pai (mais precisamente como irmão m. novo do pai), porque tomou ou poderia tomar o nome de seu pai (segundo explicam os próprios índios) e a irmã dele (prima cruzada patrilateral) como irmã do pai (mais precisamente como irmã m. nova do pai); em contraposição, aos filhos (as) do irmão da mãe (primos (as) cruzados (as) matrilaterais), aplicam ambos os egos idênticos designativos que aos filhos (as) do irmão. Ocorre uma inversão nos critérios acima, tomando-se como orientação a transmissão de nome pelo lado feminino, porém em caráter específico, isto é, só é designada como mãe, a prima cruzada matrilateral que tomou o nome da mãe do ego, não assumindo a forma generalizada que ocorre pelo lado masculino. *Primeira geração descendente* — ambos os egos aplicam um único designativo para o filho(a) sem distinção de sexo; o ego masculino aplica termos distintos para o filho e filha do irmão e primos paralelos bilaterais, e um único termo para o filho(a) da irmã e das primas paralelas bilaterais, e o ego feminino aplica esses mesmos designativos de modo inverso que o ego masculino; os filhos(as) dos primos(as) cruzados(as) são nomeados, por ambos os egos, em decorrência das situações verificadas na geração anterior, isto é, os filhos(as) do filho da irmã do pai (como irmão e irmã), e os filhos(as) da filha da irmã do pai são tratados pelos mesmos termos aplicados aos filhos da irmã do pai, os quais, como vimos, correspondem a pai e irmã do pai;

DIAGRAMA DE PARENTESCO AFIM
(EGO MASCULINO)

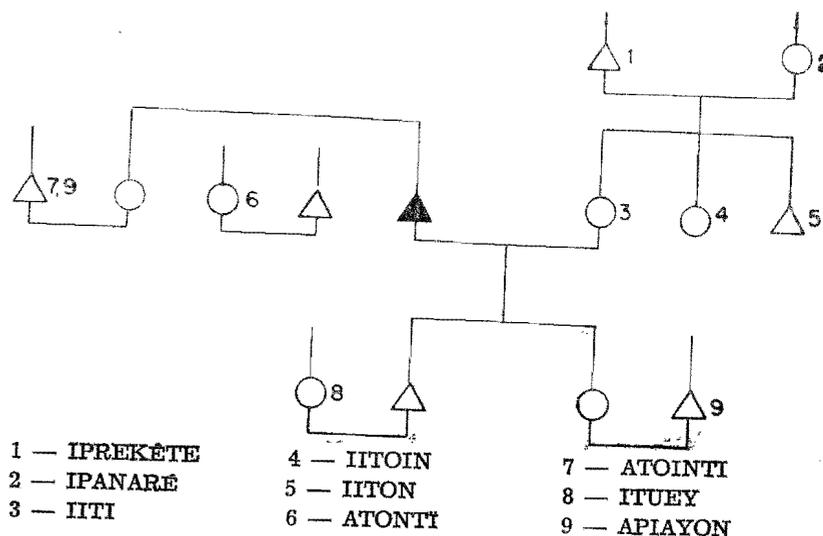
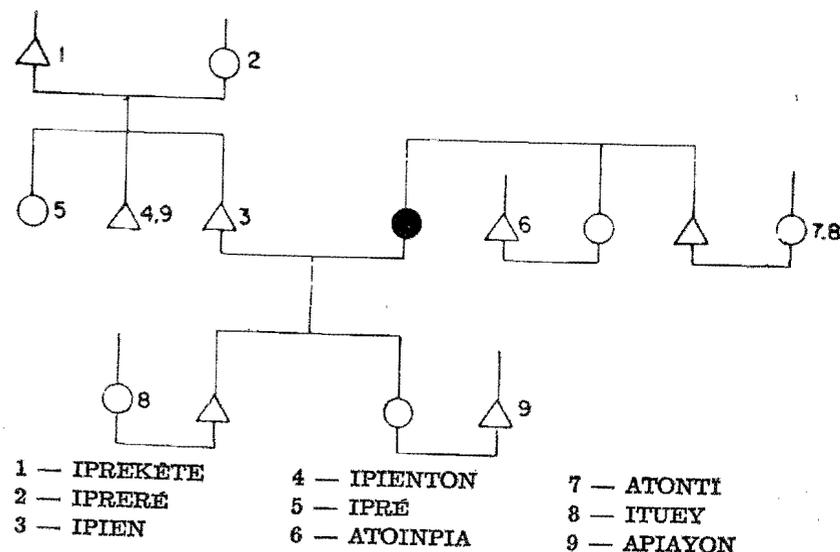


DIAGRAMA DE PARENTESCO AFIM
(EGO FEMININO)



de outra parte, os filhos(as) do filho(a) do irmão da mãe são tratados por um único designativo (*itua*). *Segunda geração descendente* — ambos os egos utilizam um único termo para designar todos os elementos sem distinção de sexo.

Com respeito ao parentesco afim, ambos os egos através de um só termo nomeiam o pai da esposa e do esposo; o ego masculino aplica um termo a mãe da esposa e o ego feminino outro termo a mãe do esposo. Existem designativos distintos para esposo e esposa; o ego masculino aplica termos distintos a esposa do irmão, esposo da irmã (2 termos), irmã da esposa e irmão da esposa; o ego feminino designa através de termos diferentes o esposo da irmã, esposa do irmão (2 termos), irmão do esposo (2 termos) e irmã do esposo. Ambos os egos nomeiam a esposa do filho pelo mesmo termo aplicado pelo ego feminino para designar a esposa do irmão (*ituey*), e o esposo da filha pelo mesmo termo aplicado para designar o esposo da irmã ou/e o irmão do esposo (*apiayon*), respectivamente.

* * *

Como se sabe, verifica-se um grande interesse dos antropólogos sociais pelos sistemas de parentesco *Crow* e *Omaha* (entre os quais não é respeitado o princípio de geração) talvez em parte porque, conforme Schusky (1965:43), "eles são muito diferentes dos sistemas de parentesco dos próprios antropólogos". O fato é que, essa atenção ocorre sobretudo quando se trata de explicar as razões dessas terminologias nas sociedades em que foram encontradas operando. Radcliffe-Brown (1956:56) esclarece que Kohler (1897), defendendo a teoria de Morgan sobre "casamento grupal", explicou a terminologia *Crow* como "resultante do casamento com a esposa do irmão da mãe", e a *Omaha* como consequência de "um costume de matrimônio com a filha do irmão da esposa". Assim sendo, na terminologia *Crow* o ego passa a chamar pai para um primo cruzado que se tornou ou poderia tornar-se um segundo esposo de sua mãe; é no caso da terminologia *Omaha*, o ego passa a cha-

mar mãe uma mulher que, para seu pai, tornou-se ou poderia tornar-se sua segunda esposa. Ainda Radcliffe Brown (*ibid.*) sem outros detalhes, diz que Durkheim (1898) rejeitou "as hipóteses de Kohler e assinalou a conexão dos sistemas *choctaw* e *omaha* com as descendências matrilinear e patrilinear, respectivamente". Com respeito ao sistema *Crow*, Rivers, por sua vez, sem referir-se "a questão dos matrimônios de grupo", explicou esta terminologia "como resultado de um costume de matrimônio com a viúva do irmão da mãe" (*ibid.*), uma hipótese aliás, como poderá ser verificado, semelhante a de Kohler, já que esposa do irmão da mãe equivale (ou é a mesma) à viúva do irmão da mãe. Com respeito ao sistema *Omaha*, Gifford (1916), seguindo a trilha de Kohler e Rivers, também o explicou como consequência do costume de casamento com a filha do irmão da esposa (*ibid.*). Todavia, Radcliffe-Brown afirma que essas hipóteses não passam de especulações ou conjeturas "quanto ao modo como as coisas poderiam ter ocorrido" (*ibid.*, 57). Ele próprio, tomando como base os sistemas *Hopi* e *Fox*, tentou provar que, as terminologias *Crow* e *Omaha* (pertencentes a uma classe que "também inclui a terminologia *Yaralde*"), constituem aplicações especiais "do princípio geral da solidariedade e continuidade da linhagem que aparece sob muitas outras formas em grande número de sociedades diversas". Em ambos os casos (*Crow* e *Omaha*), "uma pessoa relacionada de fora com a linhagem aplica a seus membros de um mesmo sexo através de pelo menos três gerações, o mesmo termo de parentesco" (*ibid.*: 70-86). Leacock (1973:59), contudo, salienta o fato de Radcliffe-Brown (1941), em seu clássico trabalho sobre terminologias de parentesco *Omaha* e *Crow*, não ter sido feliz em escolher os índios *Fox* como exemplo de uma sociedade com terminologia *Omaha*, porque os *Fox* modernos não têm "grupos de descendência unilinear que Radcliffe-Brown acreditava ser a base dessa terminologia". Se ele tivesse tido acesso ao sistema *Mawé* que é ordenado pelo "princípio de linhagem", muito próximo

do seu próprio modelo (excetuando que neste caso a unidade é muito mais o clã que a linhagem), sua "argumentação poderia ter sido muito mais efetiva". Entre os Mawé, que têm descendência patrilineal e residência patrilocal, "clãs não localizados e terminologia de parentesco do tipo Omaha", o ego divide "o universo humano em membros do seu próprio clã, clã de sua mãe e clã de sua esposa (ou do seu marido)", sendo usado um termo para todos os homens do clã materno e outro para todas as mulheres, sem considerar a idade, e a terminologia é reflexo dessa orientação (ibid. 59-66). Murdock (1949 : 166-167) mostra que a terminologia de parentesco do tipo Crow tem sido freqüentemente encontrada em *sociedades matrilineais*, e as do tipo Omaha em *sociedades patrilineais*. Com base em hipóteses "levantadas por White", através de evidências colhidas em pesquisa de campo, diz que, as terminologias Crow e Omaha, tendem a aparecer somente quando um sistema de grupos de parentesco unilinear é completamente desenvolvido e vem exercer sua influência mais e mais sobre a vida social da tribo. Isto é, a equivalência funcional de vários parentes, independentemente das gerações, acentua a tendência de aplicar o mesmo termo de parentesco a todos eles (ibid. : 168). Já Fox (1972 : 234-38), para quem os sistemas Crow e Omaha "diferem consideravelmente entre si em detalhes e o que neles é semelhante é a estrutura em sua totalidade", procura mostrar que a "unidade do grupo de linhagem e a distribuição de deveres contribuem em algo para explicar certos aspectos dos sistemas Crow, porém não parece que sirvam para esclarecer a total distribuição dos termos no sistema", pois não mostram, por exemplo, "o fato de os primos paralelos serem classificados como irmãos". Para Melatti (1973 : 37) as terminologias do tipo Crow, de acordo com Lounsbury (1964), "expressariam leis de sucessão", uma explicação "mais geral que a oferecida pelo princípio da unidade do grupo de linhagem de Radcliffe-Brown", sendo que, entre os Krahó, essa lei, constituída pela regra de transmissão

de nomes pessoais masculinos (mais importante que a transmissão de nomes femininos), "contribuiria para a orientação da terminologia de parentesco do tipo Crow". (ibid. : 39). Entre os Ramkokamékra (Canelas) cuja terminologia é classificada como do tipo Crow (Nimuendaju, 1946 : 78-105), e entre os Gorotire (Kayapó) que é do tipo Omaha (Diniz, 1962 : 19), a transmissão de nomes também ocorre do "tio materno para o sobrinho e da tia paterna para a sobrinha", mas em ambos os casos não se encontra nenhuma indicação (salvo melhor leitura) de que isso possa ter implicações na terminologia.

Os Gaviões de Oeste (Parkateyê), entretanto, possuem uma terminologia que pode ser considerada basicamente como do tipo Crow, a qual, conforme vimos anteriormente, assim como no caso dos Krahó, aparece como reflexo da transmissão de nome masculino pelo lado materno (*tio materno para sobrinho*), seja em função de um "princípio geral de solidariedade e continuidade de linhagem, "sistema de grupos de parentesco unilinear" (mesmo que não bem definido), ou de "leis de sucessão". O assunto naturalmente não deve ser dado como esgotado e uma investigação entre os Gaviões de Leste (Pukopüe), cujos grupos, além de terem uma população mais numerosa que os Parkateyê, ainda conservam seus padrões tradicionais (segundo informantes), talvez pudesse melhor esclarecer os aspectos aqui expostos e outros que não foram observados.

SUMMARY

This is a work about the Terminology of Relationship among the "Gaviões" Indians of the West (Parkateyê). It has been made from field observations developed between 1970 and 1972 which have been completed with interviews with Indians of the group during their transit in Belem.

In the introduction there are details referring to the present localization of the Gaviões, as well as the division

of these Indians into 3 local groups and some populational date.

The body of the work presents: aspects on the social organization and the analysis of the relationship terminology.

The conclusion is made up of a quick comparative analysis on the terminology types of the Crow and Omaha including that one of the Gaviões. This work further contains 4 diagrams of relationship, two of them illustrating blood relationship and the other two illustrating affinity.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ARAÚJO, Leopoldina.
1974 — Notas de campo. (inédito)
- ARNAUD, Expedito.
1975 — Os índios Gaviões do Oeste — pacificação e integração. Publ. Av. Mus. Pa. E. Goeldi, Belém, 28. 86 p. il. mapa.
- DINIZ, Edson Soares.
1962 — Os Kayapó-Gorotire. Aspectos socioculturais do momento atual. Bol. Mus. Pa. E. Goeldi; n. ser. Antrop., 18. 40 p.
- FOX Robin.
1972 — Sistemas de parentesco y matrimonio. Madrid, Alianza Ed. 253 p.
- LARAIA, Roque de Barros & MATTA, Roberto da.
1967 — Índios e castanheiros. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 146 p. il. mapa. (Corpo e alma do Brasil, 21).
- LEACOCK, Seth.
1973 — Maué Kinship and Omaha terminology. J. anthrop. Res., Albuquerque, 29 (1) : 59-76.
- MATTA, Roberto da.
1967 — Grupos Jê do Tocantins. In: SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA, Belém. 1966. Atas... Rio de Janeiro, CNPq, 1967. v. 2: Antropologia, p. 133-143.
- MELATTI, Julio Cesar.
1967 — Índios e criadores — a situação dos Krahó na área pastoril do Tocantins. Rio de Janeiro, Inst. Ciências Sociais. 166 p. il. mapa. (Monografias do I.C.S., 3).

- 1973 — O sistema de parentesco dos índios Krahó. Brasília, Dept.º de Ciências Sociais da Universidade. 43 p. (Ser. Antropologia, 3).
- MURDOCK, George Peter.
1949 — Social structure. New York, Macmillan. 387 p.
- NIMUENDAJU, Curt.
1946 — The Eastern Timbira. Publ. Archeol. Ethnol. Univ. Calif., Berkeley, 41 : 1-357. il. mapa.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R.
1956 — Structure and function in primitive society. Glencoe, Free Press. 219 p.
- SCHUSKY, E.
1965 — Manual for kinship analysis New York, Holt, Rinehart and Winstons, 79 p.

Aceito para publicação em 12/4/76

NOMECLATURA DO PARENTESCO

	Gavião (Parkateyê) (Arnaud, Cortez, Alves, 1976)	Krahó (Mellotti, 1973)
Pai do pai — pai da mãe — irmão da mãe (M. — M.f.) FF — MF — MB (M. — W.s.) Irmão m. novo da mãe (H. — M.f.) MYB (M. — W.s.)	Keti Keteré	Keti Kederé
Mãe do pai — mãe da mãe — irmã do pai — filha da irmã do pai — filha da filha da irmã do pai (H. — M.f.) FM — MM — FZ — FZD — FZDD (M. — W.s.) Irmã m. nova do pai — filha da irmã do pai — filha da filha da irmã do pai (H. — M.f.) FYZ — FZD — FZDD (M. — W.s.)	Katuí Katuré	Tii Tiré
Pai — irmão do pai — filho da irmã do pai — filho da filha da irmã do pai (H. — M.f.) F — FB — FZS — FZDS (M. — W.s.) Irmão m. velho do pai (H. — M.f.) FOB — (M. — W.s.) Irmão m. novo do pai — filho da irmã do pai — filho da filha da irmã do pai (H. — M.f.) FYB — FZS — FZDS (M. — W.s.)	Intiun Intiuntê Intiunré	ĩtxũ ĩtxũti ĩtxĩré
Mãe — irmã da mãe (H. — M.f.) M (M. — W.s.) Irmã m. velha da mãe (H. — M.f.) MOZ (M. — W.s.) Irmã m. nova da mãe (H. — M.f.) MYZ (M. — W.s.)	Intiê Anun Intiêkâ Anuntí Intiêré Anunré	ĩtxe Anã
Irmão — filho do irmão do pai — filho da irmã da mãe — filho do filho da irmã do pai (H. — M.f.) B — FBS — MZS — FZSS (M. — W.s.) Irmão m. velho — filho m. velho do irmão do pai — filho m. velho da irmã da mãe (H. — M.f.) OB — FBOS — MZOS (M. — W.s.) Irmão m. novo — filho m. novo do irmão do pai — filho m. novo da irmã da mãe — filho do filho da irmã do pai (H. — M.f.) YB — FBYS — MZYS — FZSS (M. — W.s.)	Aton Atonkâ Atonré	Itô Ihê Yapuré Yohejket
Irmã — filha do irmão do pai — filha da irmã da mãe — filha do filho da irmã do pai (H. — M.f.) Z — FBD — MZD — FZSD (M. — W.s.) Irmã m. velha — filha m. velha do irmão do pai — filha m. velha da irmã da mãe (H. — M.f.) OZ — FBOD — MZOD (M. — W.s.) Irmã m. nova — filha m. nova do irmão do pai — filha m. nova da irmã da mãe (H. — M.f.) YZ — FBYD — MZYD (M. — W.s.)	Atoin Atoinkâ Atoinré	Itoĩ Itôikhê Mamkhê Yôhekhwoi
Filho — filha (H. — M.f.) S — D (M. — W.s.) Filho depois que é pai (H. — M.f.) Filha depois que é mãe (H. — M.f.)	Ikrá Ituahum Ituamentí	Ikhra Ituahum Ituamçtzi

Filho do irmão — filho do irmão da mãe — filho do filho do irmão do pai — filho do filho da irmã da mãe (H.f.) Filho da irmã — filho da filha do irmão do pai — filho da filha da irmã da mãe (M.f.) BS — MBS — FBSS — MZSS (M.s.) DS — FBDS — MZDS (W.s.)	Akamtera	Ikhra AKam'téra
Filha do irmão — filha do irmão da mãe — filha do filho irmão do pai — filha do filho da irmã da mãe (H.f.) Filha da irmã — filha da filha do irmão do pai — filha da filha da irmã da mãe (M.f.) BD — MBD — FBSD — MZSD (M.s.) ZD — FBDD — MZDD (W.s.)	Akatuí	Ikhra Akatzwöi
Filho da irmã — filha da irmã — filho da filha do irmão do pai — filha da filha do irmão do pai — filho da filha da irmã da mãe — filha da filha da irmã da mãe — filho do filho do irmão da mãe — filha do filho do irmão da mãe — filho da filha do irmão da mãe — filha da filha do irmão da mãe (H.f.) Filho do irmão — filho do irmão da mãe — filha do irmão da mãe — filha do irmão — filho do filho do irmão do pai — filha do filho do irmão do pai — filho do filho da irmã da mãe — filha do filho da irmã da mãe — filho do fi- lho do irmão da mãe — filha do filho do irmão da mãe — filho da filha do ir- mão da mãe — filha da filha do irmão da mãe (M.f.) Filho do filho — filho da filha — filha do filho — filha da filha (H. — M.f.) ZS — ZD — FBDS — FBDD — MZDS — MZDD — MBSS — MBSD — MBDS — MBDD (M.s.) BS — BD — MBS — MBD — FBSS — FBSD — MZSS — MZSD — MBSS — MBSD — MBDS — MBDD (W.s.) SS — DS — SD — DD (M. — W.s.)	Itua	Itamtxua Itua
Pai de esposo — Pai da esposa HF — WF	Iprekete	Ipréket
Mãe do esposo HM	Ipreré	Iprékel
Mãe da esposa WM	Ipanaré	Hotxwiye
Esposo H	Ipien	Impien
Esposa W	Iiti	Iprô
Irmã da esposa WZ	Iitoin	Iprô
Irmão do esposo HB	Ipienton	Impien
Irmão da esposa (H.f.) WB (M.s.)	Iitcn	Ipré
Irmã do esposo HZ	Ipré	Ipré
Esposa do irmão (H.f.) BW (M.s.)	Atonti	Iprô
Esposo da irmã (M.f.) ZH (W.s.)	Atoinpia	Impien
Esposo da irmã (M.f.) ZH (M.s.)	Atointi Apiayon	Ipiayôye
Esposa do irmão (H.f.) BW (W.s.)	Atonti Ituey	Itxwiye
Esposa do filho (H. — M.f.) SW (M. — W.s.)	Ituey	Hotxwiye (H.f.) Itxwiye (M.f.)
Esposo da filha (H. — M.f.) DH (M. — W.s.)	Apiayon	Ipiayôye (H.f.) Ipiayô (M.f.)